

“Carta a um filósofo” – Marco Antônio de Matos Para: Epicuro de Samos

São Paulo, 15 de dezembro do Ano do Senhor de 2016

Meu caro Epicuro,

Dias atrás estava eu retornando do trabalho para casa, imagine só, horário de pico; seis horas da tarde; Estação da Sé; metro lotado. Via-se ali uma enorme quantidade de pessoas, profundamente conectadas, perdidamente absorvidas por seus dispositivos eletrônicos, absortas com seus fones de ouvidos, cada indivíduo paradoxalmente isolado em meio a uma multidão. Naquele exíguo vagão as pessoas se acotovelavam desejando conquistar pelo menos um centímetro a mais de espaço, do meu lado direito um rapaz negro jogava freneticamente um tal Candy Crush, (sim, por mais estranho que possa parecer ao olhar de um ateniense, as mais diversas etnias e classes possuem os mesmos direitos, de certa forma concretizou-se o sonho cosmopolita, iniciado por Alexandre, é óbvio que tais direitos existem em quid juris, mas não exatamente em quid fact). Aliás, perdoe-me por ter tocado no nome do rei macedônico, sei que tens bons motivos para não morrer de amores por ele. Mas tudo bem, ao meu lado esquerdo uma moça que em nada lembrava a bela e formosa Helena, ouvia uma música sertaneja e cantava um pouco alto, é claro que ela acreditava estar cantando baixinho. Mais a frente, encostado na porta do trem, um rapaz magro de barba e óculos escuro, que até lembrava Raul, fazia movimentos frenéticos como se estivesse tocando uma guitarra, sei lá. Um camelô, se espremia por entre os passageiros vendendo um fone de ouvido para celular, dizia ele que o produto era original, que no mercado formal custava de quinze a vinte reais, mas em sua mão saía por cinco reais, coisa de primeira linha. Engraçado que a maioria dos clientes já com seus próprios fones no ouvido, nem sequer o escutavam. Foi assim meu caro filósofo, em meio a este cenário tão comum no dia-a-dia do paulistano que inevitavelmente me veio a lembrança das frases que tu diseste no jardim, tu te lembras?

Tu diseste certa vez, que a realidade era perfeitamente penetrável e cognoscível pela inteligência do homem, o curioso é que a inteligência do homem de hoje criou o irreal, o fake, o falso, algo de certa forma semelhante ao que já existia em sua Atenas. Contudo, enquanto a velha metafísica era a elucubração de alguma mente filosófica sedenta de conhecimentos, o irreal de hoje, é um projeto sistematizado que visa a alienação e o lucro financeiro. As pessoas são levadas a acreditarem que possuem milhares de amigos nas redes sociais, amigos estes, dos quais a maioria nunca viu o semblante, nem tão pouco ouviu a voz, se aproximam de pessoas distantes, na mesma proporção que se distanciam daqueles que deles estão próximo.

Lembro também como se fosse hoje, o dia em que identificaste a felicidade com o prazer, taxaram-no de lascivo e hedonista não foi? Infelizmente não compreenderam que não estavas dizendo que a felicidade era uma vida baseada no prazer sexual, na boa comida, ou no bom vinho, não, não disseste isto. Na verdade, tu querias explicar que a maior felicidade, o maior prazer é a ausência da dor, quer seja ela física, sentimental ou psíquica. Um verdadeiro estado de imperturbabilidade da alma. Tu foste severamente criticado por divulgar tais pensamentos, no entanto, depois de ti, os homens criaram um enorme mostro denominado "Eu", ou como diz Charles Taylor, um self pontual, onde as sociedades são concebidas e constituídas a partir de propósitos individuais. Estes são os verdadeiros hedonistas, tanto é verdade que concebem a salvação individual como a maior felicidade que permeiam suas volições. Buscam desvairadamente a felicidade, independentemente se levará infelicidade aos seus semelhantes. Tu disseste que para atingir a felicidade e a paz, o homem só precisava de si mesmo, pois bem meu caro, se assenhorearam desta sua premissa, levando-a ao ápice da desmesura.

Para terminar, eu que em espírito pareço tão antigo quanto tu, faço minhas vossas palavras. "De todas as coisas que a sabedoria busca, em vista de uma vida feliz, o maior bem é a conquista da amizade". "A amizade anda pela terra anunciando a todos que devemos acordar para dar alegria uns aos outros". (Epicuro)

Até a próxima meu amigo.

Marco Antônio de Matos